

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA



AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No conceito de Tavira... 8500
—Para outras localidades... 9500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

O DILEMA INEVITÁVEL

Por SAMPAIO E MELO

DISPENSAMO-NOS de adjectivar a Mensagem do Natal que Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa dirigiu a todos os Portugueses. Diremos, simplesmente, que o ilustre Purpurado teve a visão clara da grave hora que a cristandade atravessa, tendo posto à consciência humana o problema determinado pelos acontecimentos mundiais.

«O dilema inevitável—afirmou—está posto: ou Cristo, e a salvação do homem pela Verdade, pela Graça e pelo Amor; ou o homem sem Deus, e a imolação às leis inexoráveis da natureza.»

Ninguém ignora que estamos em face duma profunda, intensa e extensa campanha comunista. A Rússia vermelha, considerando-se senhora duma força irresistível, pro-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

FIGURAS E FACTOS

DENTRO de alguns dias esperamos estudar em *in limine* os melhoramentos e aspirações a que a cidade de Tavira tem jus, principalmente no respeitante ao seu porto, pois que a sua maior aspiração é a sua Barra, obra de grande valor e transcendência, onde o Estado consumiu cerca de 7.000 contos, e que, por motivo de circunstâncias várias, se encontra completamente inutilizada. Pena é que isso se tivesse passado, pois o porto de Tavira é, a nosso modo ver, o mais central do litoral do Algarve e que uma vez desobstruída a sua barra, estaríamos certos que a vetusta cidade voltaria a ter o movimento de outrora, que fez dela uma cidade rica e próspera.

Para colher os dados necessários e suficientes para o bom desempenho do trabalho que, por nossa iniciativa, nos propomos fazer, procuraremos na devida oportunidade o egrégio Engenheiro sr. Custódio Rosado Pereira, mui digno Director da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, que toda Tavira mal conhece—apesar de estar à testa do seu alto e espinhoso cargo há mais de quatro anos—porque ninguém melhor do

que ele nos poderá orientar, por ser a pessoa que reúne todas as grandes qualidades e toda a autoridade para o fazer, pois, de facto, a nossa iniciativa vibrar-lhe-á no seu espirito de realização—como Chefe dum dos principais ramos de administração pública da região—toda a necessidade de um maior auxílio oficial em larga escala, para acudir às necessidades e aspirações duma terra como Tavira.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

INFORMAÇÕES

Foi colocado na Agência do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, o nosso conterrâneo sr. José Ribeiro de Jesus, que esteve prestando serviço em Faro.

POR
Manuel Francisco Coutinho Júnior



Engenheiro Custódio Rosado Pereira



António Dias de Melo e Horta

António Dias de Melo e Horta

COMO preito de homenagem ao moço poeta, que a morte ceifou extemporaneamente, inserimos hoje a sua fotogravura na colunas do nosso jornal.

A sua alma de artista em réverberos de luz, elevou-se até às regiões siderais numa «Manhã de Inverno, escura, quase agreste», como ele cantou na sua poesia «A Minha Terra Acorda», que hoje damos à estampa.

Com 22 anos apenas, na primavera da vida, não podia deixar uma vasta obra; porém, algumas interessantes poesias dispersas, que a família pensa publicá-las, as quais ficarão a perpetuar a sua memória.

Se a garra adunca da morte não o tivesse ferido, estamos certos que os seus voos poéticos atingiriam as alturas; e, assim, deixou o mundo sem ver os seus anseios realizados.

O seu estro adormeceu, para os confins etéreos. Já se não exalta em jogos florais, já não vibra ante as alegrias e tristezas da natureza! E do moço poeta tavirense, que resta? Uma viva saudade.

Duas poesias inéditas de António Dias de Melo e Horta.

A MINHA TERRA ACORDA

Manhã de Inverno, escura, quase agreste.
Caíu á pouco, rijo, um aguaceiro,
Num começar chuvoso de Janeiro,
Mas já sumiu em sorvo para leste.
E o monumento tem um ar guerreiro
Ou mesmo... um ar tristonho de cipreste,
Na nua praça que só bruma veste!
Clareia agora. Acorda o formigueiro...
Já passam operários aos magotes
E os cães revolvem lixo nos caixotes
Com o foinho a tremular de frio...

A cidade, nas brumas da manhã,
Moira velada em pleno «Ramadan»,
Debruça-se na chapa azul do rio...

INSÓNIAS

Nem gota de lua,
Nem olho de estrela,
Por cima da rua...

E' noite. E a vida,
Cansada, adormece,
E tudo parece
Estar longe do mundo,
Num mundo de sonho...

Só eu,
Uma estátua
Parada,
Formada

De gesso,
Não mais adormeço.

Nem sangue me corre
Nos veios de pedra
Que são minhas veias;
E tudo que medra
Pertinho de mim,
Ai, tudo me morre...

E eu, tão feliz, nos tempos pas-
[sados...
Sorrindo ao ar livre, sem espa-
[ços fechados,
Era a Juventude,
Vendendo ilusões, espalhando
[saúde...

Com dois corações
No peito
A vibrar...
Um a viver,
O outro a sonhar!

Agora,
Minh'alma
Já tudo perdeu...

Já eu não sou eu.
A nada sorriem
Meus olhos cansados
De ilusões esquecidas,
De esperanças caídas
Em espaços fechados.

E, dentro de mim,
Nem chama de vela...

E mesmo lá fora,
Nem gota de lua,
Nem olho de estrela
Por cima da rua...

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

BERNARDO DE PASSOS (N.º 6)



O Poeta aos 38 anos

A Obra Póstuma

Certidão de Nascimento

E ALTERAÇÕES

NAS POESIAS

APRECIÇÃO DE

GUÉDES DE AMORIM

POR
LUÍS BONIFÁCIO

Passos. Intitula-se «Refúgio» e foi carinhosamente publicado pela família, que se dedicou a este culto com o maior enternecimento. No jardim matizado da nossa literatura faz falta esta flor de capitoso perfume, que, germinando no encantador Algarve, é querida em todos os pontos de Portugal.

APRECIÇÕES À OBRA DO POETA

Entre as muitas apreciações à obra do poeta, uma há que merece a pena transcrevê-la do *Século Ilustrado* n.º 151, de 23/II/40, pag. 19, e escrita por Guedes de Amorim: «...O Algarve, que foi sempre terra de poetas, de grandes poetas mesmo, orgulha-se, muito justamente, de ter sido berço de Bernardo de Passos, um va-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Menino Ano

Por MARIA MARINHA

MAIS outro que nasce... o primeiro que visita o planeta na segunda metade do Século.

Vindo ao Mundo num berço de incertezas e de sombrias interrogações, este não parece sorrir para ninguém...

Nem resqúcio, ou pálido e diluído eco, dos restos de risinhas esperanças que ainda simularam embalar os vagidos de seu finado mano...

Há, como sempre, quem pretenda despendar-lhe a ingrata sina—os homens que lêem o futuro na palma da mão e nos astros—mas o menino Ano mostra-se enigmático e taciturno, preocupando tanto Magos como profanos e vulgares mortais.

As nuvens negras acumuladas nos horizontes dos quatro quadrantes ensombriam-lhe o olhar melancólico, enquaneando confusos ruídos de bombardas o atordoam e o polvorim o sufoca.

Ao longo da sua rota, cavam-se abismos e erguem-se escarpas que não deixam passar a luz de um sorriso, projectando sombras ameaçadoras... Mas, Ano! melhor Ano! Não se percam as esperanças...

Se a nasçença é em mau berço, dobrada razão para nos amercearmos de si e lhe apresentarmos as boas-vindas... não vá o menino tolher-se.

A Terra, indiferente, não pára de rolar, na imensidade dos espaços, em torno do Sol, como borboleta fascinada pelo brilho dum fogaréu...

Que os povos não parem, também, de rolar em volta desse outro Sol que tanto aquece os corações e se chama... Esperança!

Janeiro, 1951

PICARAM por publicar as seguintes obras do grande poeta algarvio:

—«A Arvore e o Ninho», versos para crianças, e «Entardecer» (Refúgio). O primeiro foi editado pela «Casa do Algarve» em 1931, com capa e ilustrações de Roberto Nobre, e a reedição de 1939, pelo Dr. Virgílio de Passos. Em 11/4/1931, o «Diário de Notícias» publicava a crítica. Todos os versos de «Arvore e o Ninho» foram escritos em S. Brás de Alportel.

—«Refúgio», também obra póstuma — 1936. O poeta deu inicialmente o título de «Entardecer». Apareceu nas livrarias com o título de «Refúgio» em 12 de Janeiro de 1937, com prefácio do Dr. Fidelino de Figueiredo e capa de Roberto Nobre. Foi o original escrito em Faro. Quando este livro apareceu a crítica fez todos os elogios justos e a «Ilustração», n.º 266 de 16/1/37, pag. 19, disse: «Mais um livro póstumo do grande poeta algarvio Bernardo de

O Meu Palhaço

por Jarmila Baptista

SEMPRE, desde alguns meses, que o meu sonho doirado, o meu pensamento quase constante, era aquele palhaço, vestido de cores garridas, com o nariz assustadoramente arrebitado, num ar de graça quase infantil.

O seu riso, esgar, cínico, escudo feroz da sua vida, escondia o seu pensamento, mais e melhor que a dum palhaço vulgar.

Eu gostava de olhar para a sua cara, imitação dum borrão de aguarelas, em que o vermelho e preto reinavam. Uns olhos claros, olhos inocentes, que me prendiam e encantavam como se fossem um brinquedo adorável.

Certo dia, quis alguém satisfazer-me o meu capricho, conseguiu falar com aquele palhaço. Com imensa alegria, sentei-me defronte dele e pedi-lhe que me contasse a sua vida, aquela vida que eu adivinhava cheia de encanto.

E ele começou, com a sua vozinha canante:

— «Noutros tempos, quando eu era criança e minha mãe era viva, eu era um garoto alegre e despreocupado. A minha pobreza não me entristecia, antes, pelo contrário, eu via que em asseio e alegria, era mais rico que os próprios ricos.

Porém, a vida, cedo, foi cruel para mim—levou-me aquela que, embora com fome, me dava guloseimas. Quantas vezes, eu adormecia ao som da sua voz cansada e triste, mas que para mim era a mais suave.

O sonho lindo, que eu architectara, de viver eternamente junto dela, tinha acabado. E, talvez para me compensar dessa perda, a minha velha vizinha levou-me para junto de si. Passaram-se anos; eu junto dessa boa mulherzinha, tentando alegrar-lhe os seus últimos momentos, e ela, tentando dar-me os carinhos que eu perdera cedo.

Mas a minha sina tinha de ser a de viver sempre só. Essa solidão, que eu detestava, de novo veio até mim. Ela partiu, foi juntar-se a minha mãe. A sua morte foi serena, levava a certeza de me ter feito feliz.

E eu, só. Sem uma amizade, sem um olhar leal que me olhasse com um pouco de simpatia, sem um coração com que desabafasse. Todos me olhavam com indiferença, como se fosse uma estátua sem vida e sem alma.

Um dia, desiludido da vida, seguia ao acaso, sem rumo algum, pensando na minha triste sorte. Quando acordei do meu cismar, encontrei-me absorto, a fiar uns saltibancos, pobres vagabundos que, de terra em terra, dobram os seus corpos magros e esqueléticos, a troco de alguns centavos.

Olhei em roda, vi uma multidão: Olhos ávidos, curiosos, mas onde se descobria um pouco de piedade, até carinho.

Então, assaltou-me o desejo de ser como eles — um palhaço, um saltibanco, pobre vagabundo, mas que, sempre e em toda a parte, apesar de só, encontraria centenas de olhos amigos, de corações que saberiam guardar o meu nome—o nome dum palhaço que, apesar da sua tristeza e da sua solidão, sabia fazer-vos rir, rir, rir doidamente, com as suas contorsões, as suas caretas, as suas gargalhadas falsas. Falsas, por serem feitas duma grande saudade: saudade daquela voz triste e cansada, que me adormecia em pequeno. Saudade dos seus olhos tristes, onde eu adivinhava o seu grande amor. E saudade, ainda, daquela velhinha que fora para mim o meu refúgio, o meu consolo.

A cabeça do meu palhaço tombou; os seus ombros descaíram, a sua voz saudosa calou-se, e duas lágrimas rolaram pelas faces pintalgadas, indo desaparecer, numa ânsia sófrega, nas cores garridas do seu fato.

A sua história acabara-se e, a

A LUZ DE TAVIRA

e as Suas Típicas

“CHAROLAS”

Todos os anos, no dia 1.º de Janeiro, a laboriosa povoação da Luz de Tavira é visitada por centenas de forasteiros de diversos pontos do Algarve, que ali vão assistir ao espectáculo das «Charolas».

Ainda este ano, tivemos ocasião de apreciar que mais de duas dezenas de automóveis ali estavam estacionados.

E' uma tradição interessante, que, de forma alguma, deve desaparecer e que arrasta á pitoresca povoação muita gente.

Necessita, porém, que se prepare o ambiente para receber os forasteiros, hoje que aquela festa já tomou foros de provincial.

A Junta de Freguesia ou quem de direito deveria marcar um local para a exhibição das «Charolas», como já há anos fez a Casa do Povo, no largo fronteiro á igreja matriz; e, assim, os forasteiros poderão apreciar aquela manifestação folclórica.

Com os grupos dispersos, como os vimos este ano, sem local próprio para a sua concentração, nada se consegue apreciar, e os que ali vão para esse fim voltam na mesma, aborrecidos pelo incómodo que tiveram, maldizendo o passeio.

Aqui fica a ideia. Urge, portanto, tomar iniciativa de se promover uma festa com graça, para bom nome da Luz, única terra do Algarve onde estes grupos aparecem com tamanha abundância.

Outra coisa, que também não nos parece acertada, é a forma como é feito o peditório uma caixa com a imagem do Menino-Deus.

Não está certo. Pode fazer-se um peditório numa bandeja, destinado a custear as despesas da organização da respectiva «Charola», mas sem imagens.

Limadas estas pequenas arestas, a festa terá o brilhantismo que merece.

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Olhanense, 2—Sporting Braga, 2

Vão-se perdendo as esperanças do Olhanense fugir ao último posto da classificação, prevendo-se que o Algarve venha a ficar sem representante no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Ao sabermos a crise que o Olhanense atravessa, não podemos deixar de nos lembrar dos tempos que, com a mesma camisola, tinha tardes brilhantes, em que a sua equipa cheia de fulgor e vivacidade era considerada uma das melhores do país, ganhando mercedamente a maior nomeada.

Agora, toldou-se o quadro... O Olhanense é, confundivelmente, um team qualquer — e ainda no último o revelou — com uma defesa inexperiente, a ceder terreno em cada avançada dos contrários, pecando em colocação e interpretação; um ataque inconsciente e frágil, sem capacidade e sem talento construtivo.

Não se compreende, porque, existindo em Olhão tantos jogadores novos, a equipa apresenta um conjunto tão ineficaz. Será erro do dirigente técnico? Concordamos que sim.

O Olhanense desloca-se hoje á Cidade Invicta para defrontar o Futebol Clube do Porto, e estamos certos de que os portuenses vencerão por margem expressiva.

Campeonato Nacional da II Divisão

Para o Campeonato Nacional da II Divisão, efectuaram-se, no último domingo, os jogos da oitava jornada, cujos resultados da Zona D foram os seguintes:

Lusitano de Evora, 4; «O Elvas», 2; Portimonense, 5; Farense, 1; União Sport, 3; Campomaiorense, 1; Lusitano de Vila Real, 4; Aljubarrense, 0.

A surpresa da jornada coube, sem dúvida, ao Lusitano de Evora, por ter derrotado, no seu campo, «O Elvas». Os restantes podem-se considerar normais.

A frente da classificação, encontra-se o Lusitano de Evora, com dez pontos, seguido do Portimonense e «O Elvas», com oito.

Francisco S. Lourenço

“VIAGEM”

Acabamos de receber o n.º 122, referente a Dezembro, desta revista de turismo, a única no seu género que se publica entre nós.

Alem de outros tem interessantes artigos primados por Dutra Faria, Aquilino Ribeiro, Lino de Oliveira Guimarães, Rebelo de Bettencourt e Aurora Constança.

partir desse momento, eu passei a chamar-lhe—O meu palhaço.

Era bem meu, eu tinha dado uma vida que me encantava áquelles boneco articulado, que custava ao meu amigo uns simples 20000.

Versos dos Nossos Leitores

Com o tempo tudo passa

A Maria H. C. Deus

O tempo corre, corre e que loucura... Doida corrida sem jámais parar... Numa ânsia louca quer fazer chegar, Ao termo, a vida que é de pouca dura.

Passa qual monstro cheio de bravura. Tudo se vê com ele, enfim, passar: Dias de sol e noites de luar, Mágicas horas cheias de ventura.

Risos de infância, sonhos e quimeras, Famas de heróis, de santos doutras eras, Ricos castelos, nobres e feudais;

Tudo passou... E as vinte primaveras Por mim passadas são, não voltam [mais... — Só vós, Saudade, Amor, vós não [passais!...

António de Deus

No sabor da pena... e da alma

Qual asa transparente ou raio matutino De etérea e meiga luz, Senti, junto de mim, suave e diamantino O teu sorriso angélico e divino Que me seduz.

Não é mera expressão ideal da fantasia A confissão ardente Que venho hoje, em segredo, a jeito de [poesia Feita de luz, de aroma e de harmonia Dizer-te a ti somente:

Maria, meu doce encanto, Sonho ideal da minha vida, Aurea flor estremecida, Nome sem par que amo tanto:

Griou Deus a Natureza, O Céu, a Terra e o Mar; Criou a luz do luar, Em suma: toda a Beleza;

Mas só ficou satisfeito Da sua perfeição rara, Quando viu Maria Clara, Obra prima, sem defeito.

Por isso, meu doce encanto, Sonho ideal da minha vida, Por isso é que eu te amo tanto, Linda flor estremecida.

Longe que esteja, acredita, A minha paixão veemente Não esmorece e palpita Sem cessar, eternamente...

Talvez que a chama sagrada Dos astros a rutilar Termine, um dia, cansada De tanto e tanto brilhar.

Mas este amor é soberano E não se extingue jamais... Domina como um tirano Cercado de mil punhais.

Não me abandona um momento Rubra chama a crepitar. Ocupa-me o pensamento Com tão grande atrevimento Que te não posso olvidar...

Tavira, 10-XI-950

Tibúrcio Francisco Ribeiro

GILÃO

Gilão, que vens por vales e caminhos, Correndo para a morte á desfilada, Não queiras ver chorar os passarinhos, Nas margens de Tavira, minha amada.

Não partas, não nos deixes cá sozinhos, Envólto em tristeza magoada. Não deixes quem te trata com carinhos, E detem a corrida endiabrada.

Dias de amor, de Sol e mocidade! Dias de dor e negros de saudade! Tudo por nós passou p'ra não voltar...

Gilão, já que não paras tuas águas, Leva também contigo minhas mágoas, E deixa lá ficá-las para o mar.

José Brinches (ZENY)

MÁGOA

A memória da minha saudosa irmã

Neste deserto enorme do meu peito, Calado, a olhar, nada mais vejo, Segue, em passo fatigado e estreito, Ao longo da minha alma, o meu desejo.

Sofro... Ninguém vê o meu tormento Numa infinita mágoa a sofrer, Ninguém compreende o sofrimento Da luz triste e o da flor que vai morrer.

Sinto emurchecer a minha alegria Como ao cair da noite murcha o dia, Despindo as galas e vestindo a dor.

E' a desilusão tempestuosa... As asas da Esperança — cor-de-rosa — Destrói... Meu coração morre de dor.

Luz de Tavira, 7-1 951

Francisco dos Santos Lourenço

Manhã de Inverno

Desperto!... Uma luzinha, tremulando Muito devagarinho, quase a medo, Avisa-me em segredo Que o dia vem chegando...

Salto da cama, lavo a cara, à pressa, E assomo-me à janela: Cai uma chuva miudinha, espessa, E o frio até nos gela!

Comecem a passar Aqueles de quem foi bem pouco amiga A sorte caprichosa e que os obriga A duro moirer

Para ganhar o pão de cada dia. E' negra a fome, E não se vive Se não se come!

E, assim, vão enfrentando a invernia. Passem os homens, o queixo a bater, Lá vão p'ra vida dura, ingrata, eterna;

Vão beber uns copinhos p'ra aquecer, Passam mulher's, atravessando a ponte, Chailles pela cabeça, a tiritar de frio;

Vão buscar água à fonte Ou vão lavar ao rio. E—com que mágoa o digo!— as crian- [cinhas

Lá vão também para ajudar os pais; Descalças, coitadinhas, Porque o dinheiro não chega para mais.

Lá vão ao frio e à chuva, mas, no fundo, Sempre contentes! Como se as pobres Tão inocentes

Tivessem culpa de ter vindo ao mundo! Fico a lembrar agora os pobrezinhos Que, sem lar, agasalho, e sem ter pão,

Erram pelos caminhos, Fartos de procurar trabalho, em vão, E aqueles que trabalhar não podem mais, Dormindo onde calha,

Ou num monte de palha Ao pé dos animais, Ou nas pedras abaixo das arcadas,

E que, antes do sol nascer, Vão para se aquecer Sentar-se sempre á porta das escadas.

E é vê-los fumar, cheios de prazer, Uma pontinha Que dos cafés, De manhãzinha,

Deitam p'ra rua quando vão varrer!... Há muito já que eu não vejo um ceguinho Que, á minha porta, costumava ver;

Talvez que o frio nem o deixe erguer, Pois que é já tão velhinho. Mas—caso estranho!—não vejo também,

Hoje, passar nenhum dos outros pobres! Mas aí, que de repente eu oiço uns do- [bres... Meu Deus, morreu alguém!

Tinha morrido um pobre; era o ceguinho Que, á minha porta, vinha se sentar. E lá vai ele agora — coitadinho! — Num caixão emprestado a enterrar...

E os companheiros, lamentando a [morte, De comoção, Ao lado dele Chorando vão...

Enquanto a chuva agora cai mais forte! Fecho a janela então. Horas passadas, Ainda lembro, cheio de tristeza,

Esta manhã de frio. E, ao sentir as faces orvalhadas, Penso para comigo! com certeza Deve ter sido a chuva que caiu...

Molra Casifa

QUADRAS

Sonhei que eu era a rainha Do teu louco coração. Querer ter o que não tinha... Doida e fugaz ilusão.

Mentira—disseste um dia Quando eu nunca te menti. Mentira era só o que eu via... —Tudo que vinha de ti.

Jarmila Baptista

LIVROS E REVISTAS

Publicações Recebidas

Jornal Magazine da Mulher

Acabamos de receber o último número desta excelente revista feminina, publicação de grande utilidade para a mulher.

Recomendamo-la a todas as nossas leitoras.

História de Arte de Elie Faure

Recebemos o fascículo n.º 3 desta excelente obra editada pelos estudiosos «Cor».

Trata-se como já temos afirmado dum magnífico trabalho que interessa a todos que se dedicam aos estudos de arte.

Boletim da Pesca

Temos presente o n.º 29, referente á Dezembro, deste orgão, propriedade dos Grémios dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, da Sardinha e do Arrasto.

O presente número versa interessantes assuntos que recomendamos aos nossos leitores que se interessam pela arte da pesca.

Noticias Pessoais

TROVA

A maior sede, a mais louca, Chegada á fonte, atenua... Só esta, da minha boca, Rumenta, chegada á tua.

Anto de Cervães

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Maria Leonor Falcão Padinha Bastos Pinto e menina Maria Pereira.

Em 8—Meninas Benedita Faustina, Maria Susana Miguel Soares, srs. Luís Rodrigues Coelho, Aldemo José Calico e Túlio Vicente Correia Matos.

Em 9—D. Odete Marília Peres. Em 10—D. Eulália Augusta Reis e menina Maria Celeste Camões Castanho Soares.

Em 12—Sr. Isidoro Manuel Pires. Em 13—D. Maria Luísa da Trindade Franco, D. Maria Adélia Costa, D. Lília Fátima Valente Padinha Rosado e Mle. Maria Laura de Abreu Fernandes e sr. José Nicolau da Palma.

Partidas e Chegadas

Regressou a Lisboa a sr.ª D. Maria João Correia, estudante da Faculdade de Medicina, filha do nosso assinante sr. João Basílio Correia, industrial e proprietário, nesta cidade.

—Esteve nesta cidade onde veio passar o Natal com sua família, tendo já seguido para Lisboa com sua esposa, o nosso conterrâneo sr. Júlio Borges Domingues, inspector da Alfandega de Lisboa.

—Com sua esposa e filho, esteve nesta cidade passando o Natal com sua família, o nosso conterrâneo sr. Dr. João Estêvão Aguiar Guimarães, residente em Lisboa.

—Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. António Pinto, funcionário público, residente em Lisboa.

—Esteve nesta cidade a sr.ª D. Catarina Terramoto, nossa assinante, residente em Lisboa.

—Com sua esposa, veio passar o Natal nesta cidade, com sua família, o nosso conterrâneo sr. Tenente João Nicolau de Matos, residente em Lisboa.

—Regressou da Capital, onde foi com sua mãe passar o Natal com sua família, o nosso assinante sr. José Soares, contabilista da Companhia de Conservas Balseense.

—Partiu para o Cadaval, para a companhia de seus pais, a menina Eugénia Pires Soares, filha do nosso assinante sr. Eugénio Pires Soares, guarda-livros do Grémio da Lavoura daquela importante vila, que durante algum tempo esteve nesta cidade com sua avó.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Helena Marques Picoito Mendonça Nunes, esposa do sr. Tolentino Bernardo de Mendonça Nunes, aspirante de Finanças, em Loulé.

Neurologia

No dia 31 de Dezembro, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Gertrudes da Conceição, de 81 anos de idade, viuva, natural de Santo Estêvão.

A extinta era mãe da sr.ª D. Maria da Conceição Feliciano e sogra do sr. Manuel da Conceição Feliciano, comerciante da nossa praça.

O seu funeral, que se realizou no dia 1 do corrente, foi muito concorrido. A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

PELA CIDADE

Santa Casa da Misericórdia de Tavira—Serviços Clínicos durante o mês de Janeiro.

Enfermarias: Drs. Gonçalo Pessanha e Jorge Correia.

Consulta Externa: De 1 a 15 — Dr. Gonçalo Pessanha, das 9 às 10 horas.

De 16 a 31 — Dr. Jorge Correia, das 8 às 9 horas.

Cirurgia Geral: Consultas em 6 e 20 — Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Oftalmologia: Consultas em 14 — Dr. May Viana.

Profilaxia Mental: Consultas em 24 — Dr. Manuel da Silva, das 9 às 12 horas.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

O «Povo Algarvio» vendê-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

JOGOS FLORAIS

"André de Resende"

É V O R A

Vai realizar-se pela 5.ª vez o apreciado torneio literário «André de Resende» que obedece às seguintes bases:

1.ª — Aos Jogos Florais «André de Resende» podem concorrer indivíduos de ambos os sexos com trabalhos originais e inéditos.

2.ª — Os trabalhos são apresentados em triplicado e assinados com pseudónimo; o nome do autor será fechado em sobrescrito com a indicação do pseudónimo na parte externa.

3.ª — Toda a correspondência será dirigida à Revista Transtagnana ou ao Director do Colégio «André de Resende».

4.ª — O concurso abrange duas categorias: A e B.

Os concorrentes da categoria A (iniciação literária) desenvolverão um tema fornecido pela Revista Transtagnana, e que será remetida a quem o solicitar.

Os concorrentes da categoria B podem apresentar trabalhos nos seguintes géneros: novela radiofónica, novela regionalista, conto, narrativa histórica, estudo biográfico, monografia, poema, soneto, quadra.

5.ª — O prazo para entrega dos trabalhos termina em 15 de Janeiro de 1951.

6.ª — Revista Transtagnana publicará os trabalhos que forem julgados dignos de publicação.

7.ª — Para os trabalhos indicados por um júri idóneo, haverá diplomas de Honra, Prémios e Menções Honorosas.

8.ª — Os Diplomas serão entregues em sessão solene seguida de sarau artístico.

Bernardo de Passos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

te de romântica e inconfundível personalidade. Nasceu para ter, na vida, perante tudo e todos, uma presença de poeta. Os que o conhecerem de perto, e, dentre eles, o prefaciador do seu livro póstumo, «Refúgio», fixaram sempre, nas suas maneiras, nas suas preferências e no seu todo, uma alma que se debruçava, enternecida, sobre o que era pequenino e infeliz. Foi um poeta romântico, sem dúvida nenhuma. O seu romantismo, porém, foi mais generoso que doentio.

... Bernardo Rodrigues de Passos não deixou nunca de obedecer ao seu destino de poeta. Viram-no, seus amigos e admiradores, adorar constantemente, sem desfalcatamentos, os tristes e os humildes. Poeta romântico, já lhe chamámos. O que ele foi, acima de tudo, foi um poeta cristão, que, em todos os passos da sua vida, se esforçou por caminhar para Deus. Lembrarão os seus contemporâneos o quanto Bernardo de Passos trabalhou e amou a República. Isto, porém, de modo nenhum anula a orientação cristã que o poeta deu à sua obra. No seu tempo havia, e ainda hoje há, muitos republicanos que estão de relações cortadas com Lucifer.

Em quase todas as poesias o poeta fez modificações, como por exemplo em «O Poeta, o Sábio, o Apóstolo e o Cavador». «A mesma poesia, subordinada ao mesmo título, vem publicada no livro de versos «Grão de Trigo» e aí compõe-se apenas de nove parágrafos em versos alexandrinos.»

Na poesia «Aldeia», o Dr. Alfredo de Carvalho faz a seguinte observação: «Eis um daqueles formosos poemas que o poeta-serrano escreveu, com os olhos e o coração voltados para a sua aldeia em um anseio de pura bondade cristã — toda a sua melancolia dispersa à claridade das mais simples belezas e ao sabor das mais humildes alegrias. Esta figura, que quase se desumaniza em aparição, é filha do mais puro idealismo poético e da mais comovida ternura humana.»

(Continúa) Luís Bonifácio

Notas à margem

Do Ex.º sr. Conservador do Registo Civil de S. Brás de Alportel, recebi, com data de 19 de Dezembro de 1950, uma cópia da Certidão de Nascimento, de Bernardo Rodrigues de Passos, que transcrevo: «Certifico que, no livro original de assentos de baptismo do registo paroquial da freguesia de São Brás de Alportel — deste concelho — referente ao ano de 1876, arquivado nesta Conservatória, existe a folhas 51, v

FIGURAS E FACTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Aproveitando, pois, este ensejo, não podíamos fugir à tentação de descrevermos sem a mais leve sombra de hipérbole, nestas linhas, algumas palavras sobre a forte personalidade do Engenheiro Rosado Pereira, mesmo em bosquejo, em sinal de homenagem da cidade de Tavira; e, por intermédio do seu órgão jornalístico, «Povo Algarvio», pelo muito que já fez e projecta fazer por ela, o que para isso aproveitamos as breves palavras de um amigo comum.

A forte personalidade do illustre Engenheiro reside à volta da integridade do seu carácter; e, então, as nossas palavras, a todos os títulos justas e merecedoras, não poderão ser originadas no mais pequeno vislumbre de adulação; primeiro, por que o não conhecemos pessoalmente; segundo, porque toda a gente sabe da fortaleza do nosso ânimo e da nossa independência em todos os sentidos, bem como a não subserviência e a não venalidade da nossa pena, que não defende frivolidades, não se abate nem se curva a mesuras, nem se sujeita ao temor de espécie alguma. Só defende a verdade e a justiça, e ataca a mentira, a vaidade piegas e modéstia doentia.

O Engenheiro sr. Custódio Rosado Pereira, que foi nomeado, para o alto cargo que está ocupando, em Julho de 1946, apresenta no seu activo, em pródos portos de Sotavento do Algarve, uma distinta folha de serviços, digna da gratidão de todos os povos desta região, pois que alguns melhoramentos efectuados têm-se feito sentir na sua acção benéfica. No que respeita a Tavira, as dragagens no rio, levadas a efeito o ano passado, já começaram a sentir os seus bons resultados. Todos estes serviços prestados pelo ilustre funcionário, desejaríamos, com muito prazer relatá-los nestas linhas, mas abstermo-nos de fazê-lo por circunstâncias dignas de atender!

O Engenheiro sr. Rosado Pereira, além de se preocupar com os deveres do seu cargo, em benefício da colectividade, é dotado de uma grande probidade que o elevam à mais alta perfeição cívica, que o tornaram estimado pelos seus superiores hierárquicos e pelos seus subordinados, que têm nele um amigo, quando cumpram os seus deveres oficiais e particulares, respectivamente como bons empregados e como bons cidadãos. A sua esmerada educação e a sua natural compleição não escondem a afeição pelo seu semelhante que se ufana de o acompanhar; e, como é uma alma nobre, cujo viver é despido de vaidades bafentadas e de modéstia fictícia, é considerado um cidadão exemplar. Os seus primórdios educativos, que lhe deram um fino trato, ligados à lhanza do seu porte correcto, dão-lhe foros de deificação, pela simplicidade da sua apresentação.

Seria, pois, de homens da estirpe do Engenheiro Rosado Pereira, cuja lealdade e sinceridade é reflectida na sua exemplar con-

e sob o número 273, um assento do teor seguinte: A margem: N.º 273 — Bernardo.

No texto: Aos sete — dias do mês de Novembro do ano de mil oitocentos e setenta e seis, nesta Igreja Paroquial de São Brás de Alportel, Concelho de Faro, Diocese do Algarve baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de Bernardo, que nasceu nesta freguesia, aos vinte e nove dias do mês de Outubro próximo passado, filho legítimo, primeiro do nome de Bernardo Rodrigues do Passo, negociante, e de Maria Joaquina Dias, naturais, recebidos e paroquianos desta freguesia, moradores nesta Aldeia, neto paterno de Joaquim Rodrigues do Passo e de Maria do Nascimento, e materno de José Dias Sancho e de Joaquina do Sacramento. Foram padrinho Manuel Guerreiro da Ponte, proprietário e sua mulher Isabel Paula, que não assinam por não saber.

E para constar mandei lavrar em duplicado este assento que assino.

Era ut supra (a) C Prior colado — João Pedro da Costa Inglêses.

duta, que a Sociedade deveria topar continuamente em todos os assuntos de carácter individual e colectivo.

E, então, todos os Tavirenses podem ficar certos de que o sr. Engenheiro Rosado Pereira, logo que esteja na posse de todos os elementos indispensáveis — incluindo as respectivas verbas — porá ao serviço do porto e barra de Tavira todo o valor intrínseco da sua competência técnica e a sua boa vontade de sempre na resolução de tão importante e útil problema.

Finalmente, o autor destas linhas, que não tem a honra de conhecer o illustre homem público, pessoa de quem o «Povo Algarvio» muito se honra com a sua amizade, pede-lhe desculpa de ter ferido a sua modéstia muito verdadeira e faz votos pela conservação e prolongamento da sua preciosa saúde e vida.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

Dilema Inevitável

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cura impor o seu domínio a todos os povos, não só para se apossar das terras e dos haveres que aos outros pertencem, mas para impor a todas as nações e às gentes a civilização materialista de que se fez arauto.

Por isso mesmo se tem dito e afirmou agora o Eminentíssimo Cardeal de Lisboa que a luta não se trava já entre este e aquele país, entre este ou aquele império, mas entre duas civilizações distintas e opostas.

De um lado estão muitos séculos de serviços preciosos e constantes à sociedade, ao homem, à sua dignidade e à sua liberdade. Está o Mundo actual na sua expressão perene e universalista, na sua ânsia de infinito e de imortalidade. Está, enfim, o catolicismo com os seus sacrifícios inanarráveis, com a sua acção incalculável a favor da ciência, dos humildes, dos pobres, dos indigentes, dos desprotegidos.

Do outro lado está o despotismo comunista, retrogrado e materialista, reduzindo o homem a uma expressão puramente económica. Para ele nem há honra, nem dignidade, nem consciência humana, nem destino imortal. Para ele o próprio homem constitui uma simples máquina com o merecimento exclusivo do seu rendimento.

Os povos, portanto, são forçados a abdicar da sua personalidade, da sua maneira de ser, de tudo que os define e os caracteriza na comunidade humana. Pretende-se uma planificação absurda contrária à essência das coisas e à natureza.

Portugal tem um lugar de vanguarda na evangelização do Mundo. Daqui partiram os homens que difundiram pelos continentes a luz da Verdade e o prestígio da Cruz. Indiferentes às incompreensões e aos sacrifícios de toda a ordem eles levaram a todas as nações a palavra Divina e a salvação das almas.

Portanto, também agora não se podia ficar calado no grave momento que a humanidade atravessa. A sua voz

A Trindade do Natal

A maneira dos velhos autos pastoris da minha terra.

Quem é, no terreno exílio,
nosso auxílio,
nosso guia e nossa luz?
Jesus!

Quem nos lança olhos piedosos,
amorosos,
e nos vela noite e dia?
Maria!

Quem sempre no Deus-Menino
pequenino
teve esperança e teve fé?
José!

P'ra que os males desta Idade
não abalem nossa fé,
confiemos na trindade
JESUS, MARIA, JOSÉ.

CARDOSO MARTHA

Natal de 1950.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Dos Livros...

Toda a Moeda tem duas Faces

Original, este romance policial, cuja maior parte, para não dizer, principal parte, é de natureza amorosa. Com efeito, Frank e os seus amores primeiro com Dulcil, a jovem e insinuante empregada do consultório do eminente cirurgião Dr. Burt, depois com a rica herdeira Juliet Chatterton, ocupam grande número de páginas deste romance da Livraria Clássica Editora, da autoria de Freeman Walls Crofts e traduzido por Natividade Gaspar.

E, se acrescentarmos que F. W. Crofts é considerado hoje, na Grã-Bretanha, um mestre a quem todos os tratados de literatura policial reverenciam com o respeito a que tem jus e que tem no seu activo literário trinta e cinco livros, muitos contos, uma peça e vários episódios radiofónicos para a «British Broadcasting Corporation», está patenteado o interesse deste novo volume, o 94.º, da colecção «Os melhores romances policiais», da Livraria Clássica Editora.

Física e Metafísica da Vida

«O homem de ciência animista trabalha como os materialistas. Supondo que os agentes da vida são puramente espaciais — não há razão para que as coisas se passem doutro modo — mas vê por todo o universo vivos esses agentes espaciais associados à forma ideal que a sua razão concebe e exige, mas que os seus instrumentos não podem acusar.»

Eis uma passagem, que diz exuberantemente do valor do livro, de «Física e Metafísica da Vida», da autoria do eminente mestre de Medicina Remy Collin, em tradução de M. Radelet, editado pela Livraria Simões Lopes, por iniciativa do seu esclarecido e dinâmico proprietário Manuel Barreira e com um prólogo do professor J. A. Pires de Lima, antigo mestre de Anatomia.

Nesse prólogo, o professor Pires de Lima, traça-nos rapidamente, mas numa forma simpática, os motivos da sua conversão ao catolicismo, ele que se considerava na obrigação de ser materialista, visto ser um transformista, por força das suas lições de biologia, embora nunca tivesse atacado as ideias espiritualistas, de Deus e da alma humana.

O navio dos condenados

Acabamos de receber, por amável deferência da Livraria Clássica Editora, o n.º 45 da sua colecção «Os melhores romances de aventuras», colecção que, desde há muito, se impoz pela descrição da «aventura empolgante e sugestiva dos que afrontam os mistérios das regiões desconhecidas ou dos que procuram arrancar à natureza os seus derradeiros segredos.»

Trata-se do romance «O navio dos condenados», da autoria de Norman Lee, autor inglês que, tendo sido oficial da Marinha Mercante durante a segunda guerra mundial, viajou por quase todos os lugares que descreve nos seus livros, tendo eles, pois, a vantagem de aliarem a fantasia a um grande número de factos verdadeiros.

São de Norman Lee os romances publicados na referida colecção «A Sombra do Capitão» e «Cruzando os 5 oceanos» e que obtiveram um êxito autêntico entre os apreciadores da literatura da especialidade, tudo levando a crer que este volume também consiga êxito idêntico aos anteriores.

Prosas Românticas

Página de «Diário»

Fui hoje, por acaso, a uma casa que há anos frequentei assiduamente. Fui muito bem recebido, mas tão diferentemente de antes!...

Enquanto esperei cerimoniosamente na sala em que fora tão íntimo, fui recordando aquelas noites de Inverno, longas e simpáticas passadas em conversa sempre interessante e culta...

Eram mãe e duas filhas. Agora é só a mãe, porque uma filha casou, a outra morreu... Por qualquer delas cheguei a ter uma simpatia que se dizia no círculo dos meus amigos que era mais de simpatia...

Mas para mim e para elas foi sempre simpatia. Por isso, quando uma se casou, fui dos poucos que a acompanharam; e, quando a outra morreu, fui dos muitos que a choraram...

Pois fui recebido hoje pela mãe tão diferentemente de antes!... Antes, ela era a alegria, reflexo da das filhas, hoje é a tristeza pela saudade que tem de ambas... Porque a que se casou foi como se tivesse morrido, pois partiu para tão longe!...

Fui hoje, por acaso, a uma casa que há anos frequentei assiduamente. Fui muito bem recebido, mas tão diferentemente de antes!...

IMPARCIAL

Ademar Saavedra

ÁRVORES!

Plantar árvores de fruto é assegurar o futuro de vossos filhos!

Valorizai as vossas terras plantando árvores de fruto dos mais acreditados e melhores viveiros

da **QUINTA DA TAPADA DE CEIRA—COIMBRA**, cujo proprietário **Júlio dos Santos André**, fornece com prontidão e seriedade por intermédio do seu representante em **TAVIRA**,

JOSÉ DAMIÃO NETO, na Rua D. Paio Peres Correia n.º 8, OS MELHORES EXEMPLARES PEDIDOS.

ENVIAM-SE CATÁLOGOS GRÁTIS

AMENDOEIRAS

Vendem-se também aos melhores preços e qualquer quantidade — árvores fortes e bem encaminhadas, nascidas em viveiros da nossa região.

Pistola marca
«ASTRA»

À VENDA NA
ESPINGARDARIA
ALGARVE

Telefone 40 — Tavira



Peso 335 gramas, comprimento 11 centímetros cal. 6,35 (Modelo acima da F. N. Baby)

A Pistola **ASTRA** tem três dispositivos de segurança e todos de acção independente que eliminam completamente o disparo involuntário. Os frequentes acidentes são na sua maioria produzidos pelo descuido da bala na camara. O portador de uma pistola julga eliminado o perigo desde que extraia o carregador, mas, ao tocar no gatilho, a bala esquecida na camara disparou. Com a pistola **ASTRA**, tal perigo não existe. Desde que se extraia o carregador, automaticamente fica imobilizado o disparo, sendo inútil, portanto, fazer pressão sobre o gatilho. Há várias marcas de pistolas, umas com um dispositivo de segurança, outras com dois, mas, com três, são raras as que se encontram à venda em Portugal.

Cuidado, portanto, com as pistolas que não tenham a segurança completa!

Já V. Ex.ª provaram o vinho da marca
NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS

J. A. Pacheco
TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas
PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Pela Imprensa

«A Aurora do Lima» — Completou 96 anos de existência este nosso prezado camarada, que se publica na linda cidade de Viana do Castelo, sob a direcção do sr. Filipe Peres.

Bissemánario, independente, fundado em 1855, «A Aurora do Lima» deve considerar-se o decano dos jornais de provincia.

Felicitemos muito gostosamente «A Aurora do Lima» pela data festiva do seu aniversário, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Motores Marítimos

Em exposição para entrega imediata

B. & W. ALPHA

90/100 H. P. e 180/200 H. P.

450 R. P. M. com veio, manga e hélice. Outros modelos até 240 H. P. para entrega imediata na Fábrica (Dinamarca).

JUNE MUNKTELL

120 H. P. e 150 H. P.

300 R. P. M., com veio, manga e hélice em bronze. Outros modelos de 10 H. P. a 800 H. P. para entrega imediata na — Fábrica (Suécia) —

Representantes exclusivos

H. VAULTIER & C.ª

Em toda a parte do Império Português

PRÉDIOS

Vendem-se os seguintes:

Rua Dr. Miguel Bombarda n.ºs 39 e 41 r/c e 1.º andar, Avenida Dr. Mateus Teixeira d'Azevedo n.º 28 (armazem), Travessa Dr. Miguel Bombarda n.º 9 r/c e Travessa Dr. Miguel Bombarda n.º 11 r/c.

Tratar com Evaristo Vasconcelos — Portimão.

VENDEM-SE

Duas moradas de casas, uma situada na Rua das Figueiras e outra na Travessa das Figueiras.

Informam na Rua Almirante Reis n.º 113 — Tavira.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

CASA

Vende-se, situada na povoação da Luz de Tavira, com 6 divisões, terraço, quintal e poço de água potável.

Tratar com José Miguel, no referido prédio.

JOP

JOPINHAL

Vinhos de mesa

VALENTIM LOPES

ALFAIATE-DIPLOMADO

SECÇÕES DE:

LANIFICIOS
CAMISARIA
GRAVATARIA
ALGODÕES
SEDAS

Os mais lindos padrões aos melhores preços

Árvores para Plantar

de escolha extra

Laranjeiras de qualquer espécie, cada	8\$00
Tangerineiras > > >	8\$00
Limoeiros > > >	8\$00
Pereiras > > >	5\$00
Ameixieiras > > >	5\$00
Abriçoqueiros > > >	5\$00
Cerejeiras > > >	10\$00
Oliveiras (árvores fortes) > > >	10\$00

Árvores de todas as qualidades

Para grandes quantidades desconto de 10%.

CONSULTAR O PROPRIO EM TODOS OS MERCADOS DO ALGARVE

Podendo também os pedidos serem feitos ao próprio

MANUEL MARIA ALEXANDRE

— CABOCO — CEIRA — COIMBRA —

INFORMA

José Mendonça Viegas Júnior

Rua Gonçalo Velho, 14-16

— TAVIRA

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO

TOMOGRAFIA

ELECTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

João Diogo Marreiros Neto

João R. Cardoso

ADVOGADOS

Consultas aos Sábados

SOUSA GAGO

SOLICITADOR-ENCARTADO

Rua 1.º de Dezembro, 25-1.º

Telef. 478

FARO

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortobert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watotz, Viergins, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira